

## **Desafios na transição da adolescência para a vida adulta em autistas: Uma análise bibliográfica**

**Challenges in the transition from adolescence to adulthood in autistic people: A bibliographical analysis**

**Desafíos en la transición de la adolescencia a la vida adulta en autistas: Una análisis bibliográfica**

Recebido: 28/11/2024 | Revisado: 04/12/2024 | Aceitado: 05/12/2024 | Publicado: 07/12/2024

**Fabiane Clara Alves Leal**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9423-3899>  
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil  
E-mail: [fabianeclara3@gmail.com](mailto:fabianeclara3@gmail.com)

**Laylla Freires Carneiro**

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-9430-009X>  
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil  
E-mail: [layllafreires1@gmail.com](mailto:layllafreires1@gmail.com)

**Janderson Carneiro de Oliveira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3052-4345>  
Centro Universitário Maurício de Nassau, Brasil  
E-mail: [jancopsi@gmail.com](mailto:jancopsi@gmail.com)

### **Resumo**

O artigo aborda os desafios enfrentados pelos indivíduos autistas na transição da adolescência para a vida adulta, com foco nas dificuldades psicossociais, educacionais e profissionais que surgem nesse período crítico do desenvolvimento. A transição para a vida adulta é um processo complexo que envolve adaptações em várias esferas da vida, como a educação, o trabalho, a independência e o relacionamento social. O objetivo do presente estudo é realizar uma revisão bibliográfica sobre os desafios da transição da adolescência para a vida adulta em autistas. A pesquisa é de natureza bibliográfica, reunindo estudos e publicações científicas sobre o tema para analisar as barreiras encontradas por autistas nesta fase e as estratégias de apoio mais eficazes. A revisão da literatura aponta que a falta de preparação adequada para a vida adulta, associada à escassez de recursos especializados e à compreensão limitada das necessidades do autista, resulta em uma alta taxa de inatividade, desemprego e dificuldades de socialização para esse público. O artigo destaca a importância de políticas públicas e programas de inclusão que favoreçam uma transição mais estruturada e efetiva, possibilitando uma vida adulta mais autônoma e integrada à sociedade.

**Palavras-chave:** Autismo; Adolescência; Vida Adulta; Inclusão; Políticas Públicas.

### **Abstract**

This article addresses the challenges faced by autistic individuals in the transition from adolescence to adulthood, focusing on the psychosocial, educational, and professional difficulties that arise during this critical period of development. The transition to adulthood is a complex process that involves adaptations in several spheres of life, such as education, work, independence, and social relationships. The objective of this study is to conduct a literature review on the challenges of the transition from adolescence to adulthood in autistic individuals. The research is bibliographic in nature, bringing together studies and scientific publications on the subject to analyze the barriers encountered by autistic individuals during this phase and the most effective support strategies. The literature review indicates that the lack of adequate preparation for adulthood, associated with the scarcity of specialized resources and limited understanding of the needs of autistic individuals, results in a high rate of inactivity, unemployment, and difficulties in socialization for this group. The article highlights the importance of public policies and inclusion programs that favor a more structured and effective transition, enabling a more autonomous adult life that is integrated into society.

**Keywords:** Autism; Adolescence; Adult Life; Inclusion; Public Policies.

### **Resumen**

This article addresses the challenges faced by autistic individuals in the transition from adolescence to adulthood, focusing on the psychosocial, educational, and professional difficulties that arise during this critical period of development. The transition to adulthood is a complex process that involves adaptations in several spheres of life, such as education, work, independence, and social relationships. The objective of this study is to conduct a literature review on the challenges of the transition from adolescence to adulthood in autistic individuals. The research is

bibliographic in nature, bringing together studies and scientific publications on the subject to analyze the barriers encountered by autistic individuals during this phase and the most effective support strategies. The literature review indicates that the lack of adequate preparation for adulthood, associated with the scarcity of specialized resources and limited understanding of the needs of autistic individuals, results in a high rate of inactivity, unemployment, and difficulties in socialization for this group. The article highlights the importance of public policies and inclusion programs that favor a more structured and effective transition, enabling a more autonomous adult life that is integrated into society.

**Palabras clave:** Autismo; Adolescência; Vida Adulta; Inclusión; Políticas Públicas.

## 1. Introdução

A transição da adolescência para a vida adulta é uma fase complexa e desafiadora para a maioria dos jovens, conforme descrito pela teoria de Erikson, que explora o impacto das experiências sociais ao longo da vida. Essa complexidade é acentuada no caso dos indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Além das mudanças típicas relacionadas ao desenvolvimento pessoal, educacional, social e profissional, os autistas enfrentam desafios adicionais, como dificuldades na socialização, na compreensão e expressão de emoções, na interpretação de sinais não verbais, na comunicação e na adaptação a novos ambientes e rotinas. Essas características tornam o processo de alcançar a inclusão social e a autonomia na vida adulta particularmente delicada (Erikson, 2022).

A inclusão de crianças com TEA na educação regular é uma questão que vai muito além do mero direito de frequentar a escola comum. Ela abrange a capacidade dos educadores de adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades educacionais específicas desses alunos, de modo a promover seu desenvolvimento e garantir sua permanência no ambiente escolar. Uma educação inclusiva exige uma reflexão crítica sobre sua função na estrutura educacional, a reflexão individual, a constituição de uma rede de apoio formada por diretores, coordenadores, professores e demais profissionais que atuam com casos de TEA (Ponce & Abrão, 2019).

A preparação contínua dos professores é crucial para atender de forma eficaz às demandas dos alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Favero-Nunes *et al.* (2020) enfatizam a importância de os educadores continuarem estudando e pesquisando, a fim de estarem mais capacitados para enfrentar os desafios da inclusão. O professor desempenha um papel central na integração dos alunos com TEA, pois é responsável não apenas pela transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também pelo acompanhamento do desenvolvimento infantil e pela criação de um ambiente inclusivo. Diante das necessidades específicas desses alunos, como as dificuldades em comunicação e interação social, os métodos tradicionais de ensino muitas vezes não são suficientes. Assim, a capacitação contínua permite que os professores adaptem suas práticas pedagógicas para garantir que todos os alunos, incluindo os com TEA, tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade. Sem essa preparação adequada, a inclusão corre o risco de ser apenas uma adaptação superficial, sem promover o pleno desenvolvimento e participação dos alunos no ambiente escolar (Favero-Nunes *et al.*, 2020).

Além disso, a inclusão de alunos com TEA requer uma abordagem diferenciada, isto é, além da simples adaptação de técnicas pedagógicas. Envolve a implementação de estratégias específicas e personalizadas que atendam às características únicas de cada aluno, garantindo que suas necessidades sejam atendidas de forma eficaz. Isso implica a necessidade de uma formação contínua para os educadores, a colaboração com especialistas e a criação de um ambiente escolar que seja verdadeiramente acolhedor e adaptado para todos os alunos, independentemente de suas necessidades individuais. Dessa forma, a inclusão não apenas promove o acesso à educação, mas também contribui para o desenvolvimento integral desses alunos, preparando-os para uma participação ativa e bem-sucedida na sociedade (Bertoldi & Brzozowski, 2020).

A falta de conhecimento especializado sobre o autismo frequentemente resulta em abordagens inadequadas, que reforçam as barreiras à inclusão e limitam as oportunidades. Após a infância e as vivências escolares, o indivíduo com TEA entra na segunda fase do desenvolvimento humano, de acordo com a teoria de desenvolvimento psicossocial de Erik Erikson,

no estágio psicossocial 5 – Identidade vs. Confusão de identidade. Nesse estágio, o indivíduo neuroatípico pode enfrentar desafios adicionais, como confusão sobre papéis sociais, dificuldades em interpretar pistas sociais, necessidade de previsibilidade e interação com pares. Essas dificuldades podem aumentar o risco de isolamento social e tornar a transição da adolescência para a vida adulta ainda mais desafiadora (Erikson, 2022)

A dificuldade em reconhecer, aceitar, expressar e regular emoções, bem como em estabelecer interações sociais, consiste em uma característica central do TEA e impacta diretamente a transição para a vida adulta, no que diz respeito a estar inserido em suas relações interpessoais. A terapia ABA se destaca como uma abordagem eficaz para auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais essenciais, como comunicação assertiva, o autocontrole e expressividade emocional, habilidades de civilidade, empatia, assertividade, resolução de problemas interpessoais, gerenciamento das emoções e construção de relacionamentos interpessoais através de dinâmicas em grupo.

No contexto familiar, quando os pais descobrem o diagnóstico, muitos passam por uma espécie de luto, apresentando decepção por meio de choro ou, até mesmo de negação, tendo em vista a imagem formada pelo filho idealizado (Costa, 2018). Outro desafio é a ausência de suporte externo adequado, o que pode aumentar significativamente a pressão sobre os cuidadores, que, não raras vezes, assumem sozinhos a responsabilidade de planejar o futuro de seus filhos autistas, além do estresse e sobrecarga de cuidados, tanto emocionais quanto financeiros. A incerteza sobre a capacidade desses indivíduos de viver de forma independente e realizar atividades cotidianas sem assistência é uma fonte significativa de insegurança e medo. Os pais de adolescentes atípicos enfrentam o receio da exclusão nas relações interpessoais de seus filhos e de adaptações no meio social para que eles tenham o direito de ir e vir exercido, a apropriação do território pelos autistas devem ser o objetivo de qualquer governo (Neto *et al.* 2021). A falta de acesso de pessoas autistas aos diversos ambientes da sociedade, traz limitação da experiência e aflição à família, afinal atividades cotidianas como ir ao shopping, restaurante ou ao jogo de futebol, podem se tornar desafios devido a sobrecarga sensorial que alguns autistas enfrentam (Grandin & Panek, 2021)

Nesse contexto, a presente pesquisa visa responder à seguinte pergunta-problema: como se revelam as produções acadêmicas brasileiras que versam sobre os desafios da transição da adolescência para a vida adulta em autistas? A análise das publicações científicas é essencial para entender a profundidade e a abrangência das discussões em torno dessa temática, considerando que a transição para a vida adulta é um momento crítico que envolve uma série de desafios. Esses incluem a adaptação a novas rotinas, a busca por autonomia e a inclusão no mercado de trabalho, bem como o desenvolvimento de habilidades sociais e funcionais que são essenciais para a convivência em sociedade. Ao mapear as contribuições da literatura brasileira sobre esses aspectos, a pesquisa pretende identificar tendências, enfoques e possíveis lacunas que ainda precisam ser abordadas, proporcionando um panorama atualizado e relevante sobre o tema. Espera-se que os resultados da pesquisa possam subsidiar a elaboração de políticas públicas e práticas pedagógicas que promovam uma melhor preparação dos jovens autistas para a vida adulta, garantindo que seus direitos e necessidades sejam reconhecidos e atendidos. Diante disso, o objetivo do presente estudo é realizar uma revisão bibliográfica sobre os desafios da transição da adolescência para a vida adulta em autistas.

## 2. Metodologia

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica do tipo revisão narrativa (Rother, 2007; Cavalcante & Oliveira, 2020; Casarin *et al.*, 2020) que é o tipo mais simples de revisão e com menos requisitos. Esta pesquisa é de natureza qualitativa

A pesquisa qualitativa, conforme descrita por Minayo (2001), aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e realizações humanas, busca compreender fenômenos em sua complexidade, explorando experiências e práticas sociais a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. Diferente da pesquisa quantitativa, que se concentra em números e estatísticas, a

qualitativa foca nas relações e processos, permitindo uma análise detalhada de contextos sociais específicos, sem a pretensão de generalizar os resultados.

A pesquisa bibliográfica, que caracteriza o presente estudo, segundo Lima e Miotto (2007), consiste na análise de materiais já publicados sobre o tema em questão, como livros, artigos científicos e teses. Esse tipo de pesquisa tem como objetivo identificar, selecionar e discutir os conceitos e teorias já existentes, proporcionando uma base sólida para a fundamentação teórica do estudo e ampliando a compreensão sobre o fenômeno investigado.

Neste artigo, os critérios de inclusão amostral foram definidos com base em um recorte temporal de artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024, garantindo estudos mais recentes sobre as discussões da transição da adolescência para a vida adulta no contexto do autismo. Incluem a SciELO (Scientific Electronic Library Online), livro da competência social e habilidades sociais, permitindo uma busca abrangente com o uso dos descritores: "Autismo, transição adolescência-vida adulta, desafios psicossociais, inclusão, políticas públicas. Ao seguir as orientações de Lima e Miotto (2007), o processo de leitura dos artigos foi realizado obedecendo as seguintes etapas: a) Leitura de reconhecimento e organização do material, que consiste na etapa em localizar os estudos que podem fornecer informações sobre o objeto de estudo dessa pesquisa; b) Leitura exploratória, que teve como objetivo identificar os materiais mais relevantes sobre o tema; c) a Leitura seletiva, que focou na escolha dos textos que melhor se alinham aos objetivos da pesquisa; d) leitura reflexiva, permitindo aos pesquisadores um estudo crítico-reflexivo dos textos selecionados definitivamente; e por fim, e) a leitura interpretativa, que foi aplicada para uma compreensão aprofundada dos conceitos e teorias apresentadas nos estudos, o que proporcionou uma visão clara e consolidada das abordagens teóricas sobre o tema.

### 3. Resultados e Discussão

A constituição do *corpus* desta pesquisa foi composta por uma amostra de 08 (oito) artigos científicos, conforme apresentado na Tabela 1, que está organizado da seguinte forma: título, ano, autor, revista e objetivos. Pimentel *et al.* (2020) abordam os desafios enfrentados no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo, enfatizando a importância da formação continuada para os professores. As autoras discutem como a inclusão de estudantes com autismo nas escolas regulares exige que os educadores desenvolvam habilidades específicas para lidar com as necessidades e características desse público, como a adaptação de práticas pedagógicas, a promoção da interação social e a criação de um ambiente de aprendizado acessível e acolhedor. Além disso, o estudo sugere diretrizes para a formação contínua dos professores, visando capacitá-los a enfrentar essas dificuldades e a oferecer um ensino mais eficaz e inclusivo. A pesquisa destaca que, para garantir a inclusão plena, é essencial que os professores sejam adequadamente treinados e apoiados ao longo de sua trajetória profissional.

Corroborando com esse resultado, Hervas e Pont (2020) abordam o desenvolvimento afetivo-sexual em pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA), destacando as especificidades e desafios enfrentados por esse grupo no que se refere à construção de vínculos afetivos e à compreensão e expressão da sexualidade. As autoras exploram como as características do autismo, como dificuldades de comunicação e interação social, podem impactar a forma como os indivíduos com TEA vivenciam suas relações afetivas e sexuais. O estudo enfatiza, ainda, a importância de uma abordagem educativa e terapêutica adequada, que leve em consideração as necessidades individuais para apoiar o desenvolvimento afetivo-sexual de pessoas com autismo. A pesquisa sugere que a promoção da conscientização e a oferta de informações claras e acessíveis são fundamentais para que esses indivíduos possam entender e lidar com questões relacionadas ao afeto e à sexualidade de maneira saudável e respeitosa.

Almeida (2021) ao falar sobre o desenvolvimento da sexualidade em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfatiza as particularidades dessa vivência em indivíduos com o transtorno, destacando as dificuldades que podem

surgir na compreensão e expressão da sexualidade. A pesquisa aponta que devido às características do TEA, como desafios na comunicação social e na interpretação de normas e comportamentos sociais, o desenvolvimento sexual desses indivíduos pode se dar de forma diferente, exigindo uma abordagem especializada e personalizada. Almeida (2021) enfatiza a importância de fornecer educação sexual adaptada, que leve em consideração as limitações e potencialidades de cada pessoa com TEA, com foco na promoção da autonomia, respeito e segurança. O estudo também destaca a necessidade de envolver profissionais da saúde, educação e família no processo de orientação, garantindo que as pessoas com TEA possam vivenciar sua sexualidade de maneira saudável e adequada ao seu desenvolvimento.

O estudo de Sousa, Araújo e Barbosa (2022) apresenta uma revisão sistemática sobre o ensino de habilidades sociais para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enfatizando as abordagens e estratégias mais eficazes para promover o desenvolvimento dessas habilidades. Os autores destacam que indivíduos com TEA frequentemente enfrentam desafios significativos na interação social, comunicação e interpretação de normas sociais, o que pode dificultar sua inclusão e participação plena em contextos sociais. A pesquisa revisa diversas intervenções, programas e técnicas, como o treinamento de habilidades sociais, o ensino explícito de comportamentos sociais e o uso de tecnologias assistivas, que têm mostrado resultados positivos no aprimoramento dessas habilidades. O estudo ressalta a importância de personalizar essas abordagens, considerando as necessidades individuais de cada pessoa com TEA, e aponta para a necessidade de um trabalho colaborativo entre profissionais, familiares e a própria pessoa com TEA para garantir o sucesso na aprendizagem e aplicação das habilidades sociais no cotidiano.

Brites (2023) sobre os "5 Desafios Comuns do TEA: Experiências de Pessoas Autistas e suas Famílias" explora as dificuldades cotidianas enfrentadas por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias, destacando cinco desafios principais. A pesquisa aborda os sintomas que caracterizam o TEA, como dificuldades de comunicação, interação social, comportamentos repetitivos, hipersensibilidade sensorial e a resistência a mudanças, de modo a impactar diretamente a vida das pessoas autistas e de seus familiares. Brites (2023) enfatiza a importância de entender essas experiências para melhorar a qualidade de vida das famílias e promover a inclusão social e escolar. A autora também discute como a falta de compreensão e apoio adequado pode intensificar esses desafios, sugerindo a necessidade de maior conscientização, políticas públicas inclusivas e apoio profissional especializado. O estudo ressalta a relevância do envolvimento das famílias e da construção de uma rede de suporte eficiente para lidar com as complexidades do TEA de maneira positiva e adaptativa.

O estudo de Marques e Silva (2023) discute sobre a prevalência do autismo no Brasil, refletindo sobre os desafios da inclusão de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a eficácia das políticas públicas no país. As autoras discutem o aumento da prevalência do diagnóstico de TEA, destacando a importância de uma abordagem mais inclusiva nas escolas, na sociedade e no sistema de saúde. O estudo aponta que, embora o reconhecimento do autismo tenha crescido, ainda existem barreiras significativas em relação ao acesso a serviços especializados, bem como à formação adequada de profissionais e à implementação de políticas públicas eficientes. Além disso, as autoras sugerem que para garantir uma inclusão real e eficaz, faz-se necessário investir em capacitação profissional, em políticas de saúde mais abrangentes e em ambientes educacionais adaptados às necessidades dos indivíduos com TEA.

**Tabela 1** - Relação dos artigos selecionados para a pesquisa bibliográfica.

Título	Ano	Autor(A)	Revista	Objetivo
Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para a formação continuada na perspectiva dos professores.	2020	Síglia Pimentel, Gabrielle Lenz, Renata Oliveira, Calleb Rangel, Suelen Lessa	Educação em Revista UFMG	As dificuldades e barreiras enfrentadas nas relações escolares, um sentimento de escassez de conhecimentos e a frustração dos professores em relação a essa impotência.
Desenvolvimento afetivo-sexual em pessoas com Transtornos do Espectro Autista.	2020	Amaia Hervas Carlota Pont	Scielo Analytics	Os pais tendem a subestimar os desejos dos filhos e até mesmo tratar de uma forma indiferente do outro lado, apesar do cuidado os abusos em meninas e mulheres com TEA têm 3 vezes mais chances de acontecer.
Desenvolvimento da sexualidade em pessoas com transtorno do espectro autista.	2021	Marina da Silveira Rodrigues Almeida	Instituto Inclusão do Brasil	Jovens autistas podem ter relacionamentos que não inclui relações sexuais, podendo ser difícil de entender estes sentimentos afetivos,
Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática.	2022	Cynthia Alves Felix Sousa, Henrique Jonathan Nascimento de Araújo, Mayara Ferreira Barbosa	Revista Uma Educação Especial	Ter contato com diferentes estímulos é essencial para se trabalhar as habilidades, explorar o campo, ter vasto acesso a estratégias é algo válido e essencial para o manejo de conduta.
5 desafios comuns do TEA: experiências de pessoas autistas e suas famílias.	2023	Luciana Brites	Instituto Neuro Saber	Com compreensão, respeito e empatia se consegue um ambiente mais agradável para enfrentar os desafios.
Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre a inclusão e políticas públicas.	2023	Juliana Marques e Gisele Silva.	Revista Foco	O desconhecido gera preconceitos e nos dias atuais ainda existe, ter profissionais capacitados é fundamental para essa quebra de barreira,
Inclusão escolar: um direito das pessoas com TEA.	2023	Fabiele Russo	Neuro+ Conecta	O ambiente escolar é importante na vida do indivíduo pois é onde se passa muitos anos, novas fases e descobertas, importante para a comunicação, habilidades sociais entre outras.
Acessibilidade inclusiva: espaços mais acolhedores para as pessoas com autismo.	2024	Lilian Lorena Carvalho Flor e Walter Matias Lima	X Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído e XI Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral.	Alguns espaços estão se adequando a modificação dos ambientes, os deixando mais adequados e confortáveis para pessoas com TEA, é importante ressaltar que também é algo impactante na vida dos pais e cuidadores.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Russo (2023) destaca a importância de garantir um ambiente educacional que favoreça o pleno desenvolvimento desses indivíduos. A autora discute como a inclusão vai além da simples matrícula, enfatizando a necessidade de práticas pedagógicas adaptadas, formação adequada de professores e apoio contínuo para atender às especificidades dos alunos com TEA. Russo (2023) ressalta que, embora a legislação brasileira assegure o direito à educação inclusiva, a realidade ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de recursos, a resistência cultural e a falta de preparação de muitos profissionais da educação. A pesquisa sugere que, para promover uma inclusão verdadeira, é essencial que as escolas adotem uma abordagem flexível e personalizada, garantindo que os alunos com TEA não apenas participem das atividades escolares, mas

também se beneficiem de uma educação de qualidade, desenvolvendo suas habilidades sociais, cognitivas e emocionais em um ambiente acolhedor e respeitoso.

Por fim, Flor e Lima (2024) abordam a importância da acessibilidade inclusiva, focando na criação de espaços mais acolhedores para pessoas com autismo. Os autores discutem como a acessibilidade vai além das questões físicas, englobando também adaptações sensoriais, comunicacionais e sociais que podem facilitar a inclusão de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Flor e Lima (2024) destacam que ambientes escolares, de trabalho e de lazer precisam ser repensados para atender às necessidades específicas do autismo, como a redução de estímulos sensoriais excessivos, a utilização de tecnologias assistivas e a oferta de apoio adequado para a comunicação. O estudo também enfatiza a importância de um ambiente inclusivo que favoreça a interação social, a autonomia e o bem-estar, propondo que a inclusão real só será alcançada quando os espaços forem efetivamente adaptados para garantir a participação plena e igualitária das pessoas com autismo na sociedade. Após o processo de leituras dos artigos apresentados, emergiram as seguintes categorias apresentadas a seguir.

### **3.1 Ensino de habilidades sociais para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

O TEA impacta significativamente as habilidades sociais das pessoas, dificultando a comunicação e a interação social. Essas dificuldades podem se refletir em desafios no ambiente educacional e profissional, já que as pessoas autistas podem ter dificuldades em se relacionar, entender emoções e interagir adequadamente com os outros. Para superar essas barreiras, é fundamental que as políticas educacionais promovam a inclusão, oferecendo suporte especializado que favoreça o desenvolvimento dessas habilidades. A educação inclusiva permite que pessoas com TEA aprendam e pratiquem habilidades sociais, essenciais para a participação plena na sociedade e no mercado de trabalho, contribuindo para sua autonomia e bem-estar (Sousa *et al.*, 2022)

### **3.2 Inclusão escolar e Transtorno do Espectro Autista (TEA)**

O artigo de Olivati e Leite (2019) aborda a importância da inclusão escolar de pessoas com deficiência, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A inclusão educacional é vista como um direito fundamental para todos os estudantes, e deve ser garantida por meio de políticas públicas, legislações e práticas pedagógicas que atendam às necessidades individuais dos alunos com TEA. Esses estudantes enfrentam desafios significativos no ambiente escolar devido às dificuldades nas habilidades sociais e de comunicação, mas com o suporte adequado podem se beneficiar de um sistema educacional inclusivo, que permite o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas e sociais. A inclusão escolar, portanto, é não só uma questão de acessibilidade, mas também de equidade e respeito às diferenças.

### **3.3 Breves análises das categorias apresentadas**

As categorias de análise neste trabalho abordam temas fundamentais relacionados aos desafios enfrentados por pessoas autistas em diferentes contextos sociais e educacionais. A inclusão social de pessoas autistas ainda é limitada por barreiras estruturais e culturais que restringem seu acesso a oportunidades educacionais, laborais e comunitárias. As políticas públicas têm avançado lentamente, resultando em uma lacuna significativa entre as necessidades da população autista e os recursos disponíveis. Essa exclusão social afeta não apenas o desenvolvimento de habilidades, mas também o bem-estar emocional e o senso de pertencimento desses indivíduos. A falta de programas inclusivos nas escolas e no mercado de trabalho dificulta o reconhecimento das potencialidades de cada pessoa e reforça a estigmatização, comprometendo a qualidade de vida e o futuro da população autista (Instituto Inclusão Brasil, 2022; Neuroconecta, 2022)

Outro ponto relevante refere-se à sexualidade em pessoas autistas, frequentemente negligenciada devido a tabus e preconceitos, o que agrava os desafios enfrentados durante o desenvolvimento. Muitos autistas não recebem a orientação

adequada sobre como compreender, expressar e lidar com sua sexualidade, tornando-se vulneráveis a abusos e exploração. Além disso, a falta de informação também prejudica a formação de relacionamentos saudáveis e o entendimento de seus direitos. Pesquisas destacam a importância de uma educação sexual inclusiva e adaptada, que forneça conhecimento acessível e respeite as particularidades do TEA. O envolvimento de familiares e educadores capacitados é essencial para promover um ambiente de segurança, respeito e autonomia nesse aspecto (Instituto Inclusão Brasil, 2022; Minayo, 2001).

É importante citar que a acessibilidade inclusiva desempenha um papel fundamental na transição para a vida adulta de pessoas com TEA, especialmente ao considerar os desafios sensoriais e comportamentais que elas enfrentam. Esses desafios não se limitam a uma única área, mas afetam diversas esferas da vida cotidiana, como educação, trabalho e socialização. A inclusão plena depende de uma compreensão detalhada das necessidades sensoriais e emocionais dos indivíduos com TEA, o que exige uma abordagem sensível e adaptada às suas particularidades. Grandin e Panek (2021) destacam que os sentidos de pessoas com TEA são frequentemente percebidos com maior intensidade, o que pode transformar experiências consideradas neutras ou agradáveis para indivíduos típicos em situações extremamente desconfortáveis para indivíduos atípicos. Por exemplo, sons do ambiente, luzes fortes ou até mesmo o toque de certos materiais podem ser interpretados de maneira mais avassaladora, provocando reações intensas de desconforto e estresse. Essa hipersensibilidade sensorial pode gerar crises e dificultar a permanência em determinados ambientes, como salas de aula com muitas distrações, supermercados com luzes fluorescentes ou locais de trabalho com ruídos excessivos. Em muitos casos, essa sobrecarga sensorial pode resultar em comportamentos de fuga ou agressividade, tornando ainda mais desafiador para o indivíduo interagir ou participar ativamente em contextos sociais e profissionais.

No contexto desta categoria de análise, é relevante explorar como os desafios sensoriais vivenciados por autistas impactam a transição para a vida adulta, especialmente em ambientes educacionais, sociais e de trabalho. Indivíduos com transtorno do espectro autista frequentemente experimentam uma percepção sensorial mais aguçada, o que pode transformar situações cotidianas em desafios significativos. Espaços projetados sem considerar essas diferenças sensoriais, como salas de aula ou ambientes de trabalho com iluminação intensa, sons excessivos ou falta de previsibilidade, podem dificultar a inclusão e a adaptação, tornando-os locais de grande desconforto para os autistas. Por outro lado, iniciativas de acessibilidade que busquem minimizar estímulos sensoriais exacerbados, como a adoção de iluminação suave, a redução de ruídos e a criação de ambientes estruturados e previsíveis podem ser cruciais para a promoção da interação e da participação plena. Ademais, é fundamental que essas adaptações não se limitem apenas ao ambiente físico, mas também envolvam a conscientização de todos os membros da comunidade, criando um espaço de compreensão e respeito. Tal análise reforça a necessidade de ações que promovam não apenas a acessibilidade, mas uma inclusão efetiva, que considere as singularidades sensoriais e comportamentais do indivíduo autista, garantindo um ambiente que favoreça seu desenvolvimento e bem-estar (Grandin & Panek, 2021).

Nesse contexto, convém mencionar que espaços projetados sem considerar essas diferenças sensoriais podem dificultar a inclusão e a adaptação, gerando desconforto e exclusão. Em contrapartida, iniciativas de acessibilidade que busquem minimizar estímulos sensoriais exacerbados, como iluminação adequada, redução de ruídos e estruturação previsível do ambiente podem ser fundamentais para favorecer a interação, a participação plena e o bem-estar dessas pessoas. Esses ajustes são essenciais para proporcionar uma experiência mais acolhedora e acessível, promovendo o processo de inclusão. Tal análise reforça a necessidade de ações que vão além da acessibilidade física, envolvendo também a criação de uma cultura inclusiva que considere as singularidades sensoriais e comportamentais do indivíduo autista (Grandin & Panek, 2021).

Além disso, o desenvolvimento de habilidades sociais é uma base essencial para a promoção da autonomia e inclusão de pessoas autistas em diferentes contextos sociais, pois essas habilidades são fundamentais para a construção de relacionamentos saudáveis e a adaptação ao ambiente social em que o indivíduo está inserido. A ausência dessas habilidades

pode resultar em isolamento, conflitos interpessoais, dificuldades de comunicação e complicações no mercado de trabalho, onde as interações sociais desempenham um papel crucial na integração e no sucesso profissional. Sem a capacidade de se comunicar de forma eficaz e entender as normas sociais, muitos indivíduos autistas podem ser marginalizados ou enfrentar barreiras significativas para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Nesse sentido, programas de ensino estruturados, que incluem práticas de resolução de conflitos, comunicação assertiva e empatia, têm se mostrado eficazes na promoção de uma interação social mais positiva e na prevenção de mal-entendidos e frustrações. Tais programas auxiliam os indivíduos a compreenderem melhor as dinâmicas de grupo, responder de maneira apropriada a diferentes situações sociais e expressar suas necessidades de forma clara e respeitosa, além de fortalecer habilidades emocionais como o autocontrole e a regulação emocional. Essas habilidades são cruciais para que as pessoas com TEA possam estabelecer conexões mais profundas e duradouras com os outros, minimizando sentimentos de frustração e solidão. Outrossim, intervenções personalizadas, que considerem as características individuais de cada pessoa, ampliam as possibilidades de participação em ambientes comunitários, educacionais e profissionais. Quando bem elaboradas, essas intervenções permitem uma adaptação das estratégias de ensino e interação de acordo com o ritmo e estilo de aprendizagem do indivíduo, proporcionando as ferramentas necessárias para que ele lide com os desafios diários, ao mesmo tempo em que fortalece sua independência. Isso contribui para sua inclusão plena em diversos espaços, favorecendo a adaptação e o desenvolvimento de uma rede de apoio sólida, fundamental para a integração social e a promoção da qualidade de vida (Brasil Escola, 2023; NeuroSaber, 2022).

Esses aspectos ressaltam a importância de iniciativas que garantam acesso igualitário e adaptação às necessidades específicas de pessoas autistas, buscando superar barreiras sociais, culturais e educacionais. A articulação entre políticas públicas, práticas inclusivas e a conscientização social é indispensável para promover um ambiente mais justo e acolhedor, permitindo que esses indivíduos desenvolvam suas potencialidades e exerçam plenamente seus direitos.

#### **4. Conclusão**

O presente artigo objetivou analisar as publicações científicas brasileiras que abordam os desafios da transição da adolescência para a vida adulta em pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), publicadas entre os anos de 2019 e 2024, com base em uma pesquisa bibliográfica.

Durante a análise das categorias, foi possível identificar diversos desafios enfrentados pelos adolescentes com TEA no processo de transição para a vida adulta. As principais questões envolvem a adaptação à vida independente, a inserção no mercado de trabalho, a continuidade da educação e o desenvolvimento das habilidades sociais necessárias para a convivência em sociedade. Muitos estudos apontam que a falta de suporte adequado durante essa transição pode gerar dificuldades significativas, como o isolamento social, a sobrecarga emocional e a falta de autonomia. A importância do apoio profissional contínuo e de políticas públicas eficazes voltadas para essa fase da vida foi amplamente discutida nas publicações analisadas, evidenciando a necessidade de estratégias de transição mais estruturadas e personalizadas.

Além disso, as análises mostraram que a preparação para a vida adulta deve ser iniciada de maneira precoce, garantindo que os adolescentes com TEA recebam as orientações necessárias ao longo de toda a sua trajetória escolar. As dificuldades relacionadas à comunicação, ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais e à compreensão das normas sociais foram frequentemente citadas como obstáculos nesse processo. Por outro lado, foi observado que a inclusão de terapias específicas, programas educacionais adaptados e a integração entre profissionais de diversas áreas contribuem para uma transição mais bem-sucedida.

A elaboração deste trabalho não foi isenta de dificuldades. Essa pesquisa bibliográfica apresentou desafios relacionados à escassez de estudos focados especificamente na transição da adolescência para a vida adulta em indivíduos com TEA, uma vez que muitos dos artigos disponíveis abordam o tema de forma mais geral ou em contextos específicos, como a

infância ou a vida escolar. Ademais, a diversidade das abordagens e a falta de padronização nas metodologias dos estudos dificultaram uma comparação mais direta entre os dados.

Este artigo também apresenta algumas limitações que precisam ser destacadas. Primeiramente, o foco restrito à produção científica brasileira pode ter limitado a abrangência do estudo, uma vez que as questões relacionadas à transição para a vida adulta de indivíduos com TEA são universais e merecem uma análise global. Além disso, a ausência de uma investigação empírica com a participação direta de indivíduos com TEA e suas famílias restringiu a profundidade da análise, deixando de lado experiências individuais que poderiam enriquecer a compreensão dos desafios enfrentados.

À guisa de conclusão, é fundamental que novas pesquisas sejam realizadas para aprofundar a compreensão sobre os desafios da transição para a vida adulta em pessoas com TEA, especialmente com foco em práticas e políticas públicas que promovam uma adaptação mais eficaz e inclusiva. A expansão de estudos qualitativos, entrevistas com indivíduos autistas e suas famílias, e a implementação de programas de acompanhamento para essa transição são questões que merecem atenção. O tema da transição para a vida adulta de autistas é altamente pertinente e possui potencial para melhorar as condições de vida e a inserção social dessa população, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

## Referências

- Almeida, M. S. (2021). Desenvolvimento da sexualidade em pessoas com transtorno do espectro autista. Instituto Inclusão Brasil, 2021. <https://institutoinclusao brasil.com.br/desenvolvimento-da-sexualidade-em-pessoas-com-transtorno-do-espectro-autista/>.
- Brites, L. (2023). 5 Desafios Comuns do TEA: Experiências de Pessoas Autistas e suas Famílias. Neuro Saber, 2023. <https://instituto neuro saber.com.br/artigos/5-desafios-comuns-do-tea-experiencias-de-pessoas-autistas-e-suas-familias/>.
- Camargo, S. P., Silva, G. L., Crespo, R. O., Oliveira, C. R., & Magalhães, S. L. (2020). Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. Scielo Brasil, 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-4698214220>.
- Casarin, S. T. et al. (2020). Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. Journal of Nursing and Health. 10 (5). <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924>.
- Cavalcante, L. T. C. & Oliveira, A. A. S. (2020). Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. Psicol. Rev. 26(1). <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2020v26n1p82-100>.
- Ferreira, L. F., & Almeida, S. F. (2023). Desafios da transição para a vida adulta em adolescentes autistas: uma revisão bibliográfica
- Flor, L. L., & Lima, W. M. (2024). Acessibilidade inclusiva: espaços mais acolhedores para as pessoas com transtorno do espectro autista. Eneac, 2024. <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/eneac2024/831653.pdf>.
- Freire, J. M., & Nogueira, G. S. N. (2023). Considerações sobre a prevalência do autismo no Brasil: uma reflexão sobre inclusão e políticas públicas. Revista Foco, 2023. [https://www.researchgate.net/publication/369012021\\_CONSIDERACOES\\_SOBRE\\_A\\_PREVALENCIA\\_DO\\_AUTISMO\\_NO\\_BRASIL\\_UMA\\_REFLEXAO\\_SOBRE\\_INCLUSAO\\_E\\_POLITICAS\\_PUBLICAS](https://www.researchgate.net/publication/369012021_CONSIDERACOES_SOBRE_A_PREVALENCIA_DO_AUTISMO_NO_BRASIL_UMA_REFLEXAO_SOBRE_INCLUSAO_E_POLITICAS_PUBLICAS).
- Hervas, A., Pont, C. (2020). Desenvolvimento afetivo-sexual em pessoas com transtornos do espectro do autismo. Scielo, 2020.: [https://www.scielo.org/ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0025-76802020000200003&lang=pt](https://www.scielo.org/ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0025-76802020000200003&lang=pt).
- Martins, R. (1999). Análise de Conteúdo. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 1999.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática x revisão narrativa. Acta Paul. Enferm. 20(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Russo, F. (2023). Inclusão escolar: um direito das pessoas com TEA. Neuro Conecta, 2023. [https://neuroconecta.com.br/inclusao-escolar-um-direito-das-pessoas-com-tea/#google\\_vignette](https://neuroconecta.com.br/inclusao-escolar-um-direito-das-pessoas-com-tea/#google_vignette).
- Sanches, A. F., & Martins, R. (2021). Inclusão social e autonomia: os desafios da adolescência para jovens autistas. *Educação*
- Senna, S. R., & Dessen, M. A. (2012). Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. Scielo Brasil, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>.
- Sousa, C. A., Araújo, H. J., & Barbosa, M. F. (2022). Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *Revista Educação Especial*, 2022. [https://www.researchgate.net/publication/362334828\\_Ensino\\_de\\_habilidades\\_sociais\\_para\\_pessoas\\_com\\_transtorno\\_do\\_espectro\\_autista\\_uma\\_revisao\\_sistemática](https://www.researchgate.net/publication/362334828_Ensino_de_habilidades_sociais_para_pessoas_com_transtorno_do_espectro_autista_uma_revisao_sistemática).
- Sousa, C. A., Araújo, H. J. & Barbosa, M. F. (2022). Ensino de habilidades sociais para pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *Revista Educação Especial*, 2022. [file:///C:/Users/layll/Downloads/Ensino\\_de\\_habilidades\\_sociais\\_para\\_pessoas\\_com\\_tra%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/layll/Downloads/Ensino_de_habilidades_sociais_para_pessoas_com_tra%20(1).pdf).